

UMA PSICANÁLISE POSSÍVEL: ENTRELAÇAMENTOS DE UMA PRÁTICA PSICANALÍTICA EM UMA CLÍNICA-ESCOLA NO SERTÃO CENTRAL DO CEARÁ

Jomábia Cristina Gonçalves dos
Santos
Erika Teles Dauer
Karla Patrícia Holanda Martins

RESUMO

A psicanálise postula recomendações e técnicas para aqueles que desejem realizar atendimentos clínicos de cunho psicanalítico. Muitas destas recomendações, inclusive de autores mais contemporâneos, dissertam sobre a prática e posturas do analista que atua em consultórios particulares. Partindo da literatura e juntamente com o relato de experiência do que foi vivenciado durante as disciplinas de Estágio Profissionalizante I e II, este trabalho objetiva traçar considerações sobre a prática psicanalítica realizada no SPA, uma clínica-escola que possui regras específicas e está inserida em uma instituição maior: a Universidade. Como então as recomendações e ética da psicanálise conseguem dialogar com os discursos institucionais? Quais seriam os limites e possibilidades para a realização dos atendimentos? Serão discutidas, ainda, questões relacionadas com o tempo – do inconsciente, das sessões e do estágio, sobre a transferência e o pagamento das sessões. A partir da experiência vivenciada, pôde-se perceber que é possível se praticar a psicanálise no contexto institucional, utilizando-se do desejo particular do estagiário de construir a sua clínica a partir da experiência aliada aos postulados da teoria, como a associação livre, transferência, realidade psíquica do sujeito. A forma como se dá o manejo de alguns dos pressupostos básicos da psicanálise podem ocorrer de um modo distinto quando se opera em uma clínica-escola, entretanto, isso não significa dizer que estes não aconteçam, pois é através do diálogo com as regras da instituição que a psicanálise se faz acontecer.

PALAVRAS-CHAVE: Clínica-escola. Instituição. Psicanálise.

A FEASIBLE PSYCHOANALYSIS: A PSYCHOANALYTIC PRACTICE AND ITS RELATIONS IN A CLINIC SCHOOL IN THE SERTÃO CENTRAL OF CEARÁ

ABSTRACT

Psychoanalysis provides recommendations and techniques for professionals who wish to accomplish psychoanalytic clinical care. Some of these recommendations, including the ones from contemporary authors, take into account the practice and posture of analysts who work at private offices. Based on the literature as well as on the experience report fulfilled throughout the disciplines Professional Internships I and II, this study aims to highlight considerations of psychoanalytic practice developed in SPA, a clinic school that has specific rules and it is part of a larger institution: the University. Thus, how do recommendations and psychoanalytic ethics get involved with institutional discourses? Which are the limits and possibilities of care achievements? Also, it will be discussed time-related aspects of – the unconscious, the sessions and the internship program, transference and payment for sessions. From the experience reported, it has been possible to practice psychoanalysis in the institutional context, using the trainee's private interests in order to build his/her own clinic allied with experience and theoretical postulates, such as free association, transference, the individual's psychic reality. The management of the basic assumptions of psychoanalysis can occur in a different way when operating in a clinic school; however, this does not mean that the surmises will not happen, for the reason that it is dialoguing with institutional rules that psychoanalysis makes progress.

KEYWORDS: Clinic School. Institution. Psychoanalysis.

Enviado em: 08/03/2018
Aceito em: 24/04/2018
Publicado em: 30/04/2018

1 INTRODUÇÃO

Ao se realizar leituras sobre a teoria psicanalítica, bem como dos casos clínicos que a ancoram, são recentes os textos que dissertam sobre como utilizar-se da psicanálise fora do consultório particular tradicional, e poucos que relatam sobre a experiência psicanalítica em uma clínica que por si só já possui um funcionamento próprio, uma clínica-escola de Psicologia. Clínica esta que presta atendimento público para a população, que possui regras quanto a horários de atendimento, tempo de sessão, número de pacientes por estagiário, burocratização com relação à papelada, termo de consentimento, entre outros. E mais, uma clínica que funciona dentro de uma instituição maior: a Universidade, que lhe impõe suas próprias regras.

Logo, a proposta deste trabalho é traçar considerações sobre a clínica psicanalítica dentro de uma instituição de ensino. Figueredo (2002), em seu livro “Vastas confusões e atendimentos imperfeitos”, discorre sobre condições para que se pratique psicanálise em instituições, na obra em destaque a autora disserta sobre sua vivência em um ambulatório. No caso desta pesquisa, a experiência se dá em um Serviço de Psicologia Aplicada – SPA, onde encontros e desencontros ocorrem, mas se objetiva construir uma clínica, através da prática e do desejo dos estagiários.

O Serviço de Psicologia Aplicada da Unicatólica de Quixadá atende à população do município de Quixadá e cidades vizinhas, oferecendo acompanhamento terapêutico individual e grupal para crianças, adolescentes, adultos e idosos, em diferentes vertentes clínicas, dentre elas, a psicanálise, juntamente com os serviços de avaliação psicológica e orientação profissional.

Figueredo (2002) aponta que para se praticar psicanálise fora do consultório particular é necessário levar em consideração: o uso da regra fundamental – a associação livre, atenção flutuante, o respeito à realidade psíquica do sujeito, o dispositivo da transferência, a ética do analista, dentre outros. Aqui, será percorrido, através de um relato de experiência ancorado em referencial teórico, como ocorrem esses aspectos na clínica-escola, bem como outros questionamentos que surgiram durante o estágio, por exemplo: a questão do tempo e do pagamento.

2 MÉTODO

Este trabalho apresenta um relato de experiência do que foi vivenciado durante as disciplinas de Estágio Profissionalizante I e II do curso de Psicologia, com ênfase na Clínica Psicanalítica. Foi realizado ainda o levantamento teórico da obra de autores como Freud, Lacan e demais contemporâneos, que sugerem regras e condições para aqueles que se propõem a utilizar psicanálise, relacionando-as com a prática exercida na clínica-escola. Vale salientar que não será realizado estudo de caso de nenhum atendimento específico, mas sim, recortes dos casos atendidos a fim de ilustrar as temáticas trabalhadas.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 A PRÁTICA PSICANALÍTICA EM UMA CLÍNICA-ESCOLA

Cazanatto e Martta (2016) afirmam que a presença da prática psicanalítica em instituições vem acompanhando o próprio desenvolvimento da teoria psicanalítica, mas que é necessário adaptar a técnica às novas condições de trabalho, sem, contudo, modificar os seus pressupostos. Logo, aquelas regras recomendadas por Freud (1912/2006), em seu texto “Recomendações para os médicos que exercem psicanálise”, devem ser levadas em consideração.

Partindo do fato de que as instituições também estão sujeitas às leis de funcionamento da linguagem, existe a possibilidade de se operar lendo os discursos na instituição, da mesma maneira como se lê o discurso de um sujeito em tratamento (CAZANATTO e MARTTA, 2016). Então, neste caso, a psicanálise precisará dialogar com as regras e pressupostos da instituição.

Marcos (2011) postula que a clínica psicanalítica não se restringe mais somente ao âmbito do consultório privado, ela foi ampliada a outros campos, como, instituições de saúde mental, centros de saúde, serviços de urgência e hospitais psiquiátricos, na assistência social e, também nas universidades, através da clínica-escola.

Freud (1919/2006), no texto “Sobre o ensino da psicanálise nas universidades”, sugere a prática clínica aos cursos universitários através da criação de ambulatórios, o que se assemelha ao Serviço de Psicologia Aplicada da Unicatólica. O autor disserta sobre as possíveis interseções entre psicanálise e universidade, indagando-se se poderia a psicanálise ser transmitida no meio universitário. Freud chega à conclusão de que a psicanálise poderia contribuir à universidade, entretanto, sua transmissão ocorre através da experiência do sujeito, logo, o saber da clínica psicanalítica parte muito mais do desejo particular do sujeito, independe deste estar inserido ou não na universidade.

Lima e colaboradores (2013) pontuam que devido ao fato de os atendimentos na clínica-escola serem realizados por alunos em formação, estes podem ser influenciados por um discurso social ou institucional que vise a cura ou a educação do paciente. Portanto convoca-se que, nestes casos, o aluno esteja constantemente respondendo ao fundamental da ética da psicanálise de escutar o sujeito a partir de seu inconsciente e da posição pela qual ele é responsável, não cedendo a estes discursos.

Em uma clínica-escola, os estagiários têm a oportunidade de “pôr em prática” o que aprendem durante o curso de graduação através da vivência na clínica. Sendo esta a proposta da psicanálise, a construção da clínica a partir da experiência. Portanto, existe a possibilidade de se fazer psicanálise no serviço, utilizando-se do desejo particular do estudante e dos pressupostos básicos da teoria. A forma como manejam alguns dos postulados da psicanálise podem ocorrer de um modo distinto quando se opera em uma clínica-escola, mas isso não significa dizer que estes não aconteçam, pois é através do diálogo com as regras da instituição que a psicanálise se faz acontecer.

3.2 SOBRE O PAGAMENTO

Freud (1913/2006), em seu texto “Sobre o início do tratamento”, aponta que o psicanalista não deve desempenhar um papel de filantropo desinteressado, necessitando abster-se de fornecer tratamento gratuito ou fazer favores a amigos e familiares. Freud salienta que essa advertência diz respeito não apenas ao fato de o analista trabalhar sem receber, mas que está ligada à lógica de funcionamento inconsciente do paciente.

Para Freud (1913/2006), as questões de dinheiro têm uma relação com as questões sexuais dos clientes e, portanto, o analista deve estar determinado desde o princípio a tratar, com seus pacientes, dos assuntos de dinheiro do mesmo modo com que deseja educá-los nas questões relativas à vida sexual. O pagamento das sessões faz, então, semblante ao investimento que o paciente deve fazer em seu tratamento. Todavia, questiona-se como funciona a questão do pagamento em uma clínica-escola que oferece atendimento gratuito a uma população, em sua grande maioria, vulnerável e que não possuem grandes recursos financeiros?

De acordo com Oliveira (2007), a questão do valor do tratamento surgirá, mesmo que não seja na forma monetária. O autor afirma que em uma clínica-escola o estagiário pode lançar mãos de outros recursos a fim de pontuar para o paciente que este precisa investir em seu tratamento, como por exemplo, “demarcando um limite no não comparecimento das sessões e dizendo da importância do atendimento ao menos uma vez por semana” (OLIVEIRA, 2007, p. 81). No SPA, são essas as orientações que costumam ser feitas aos pacientes, que eles atentem as faltas para que não sejam desligados, visto que a instituição tem uma regra de que após três faltas consecutivas o paciente perde a vaga no serviço.

Oliveira (2007, p.81) salienta ainda que “a questão do dinheiro e do valor do tratamento aparecerá na própria fala dos pacientes – ou desmarcando sessões por motivos supérfluos ou até mesmo interrompendo o tratamento”, neste caso, “cabendo ao estagiário manejar o tratamento a fim de que o paciente sinta seu valor, mesmo que seja no dinheiro gasto para chegar às sessões”. Esse fenômeno citado é bastante presente no SPA, pois, muitas vezes os clientes precisam pagar o transporte que os deslocam de casa à clínica, o que de alguma forma é um investimento.

Oliveira (2007) finaliza seu texto dissertando que em uma instituição pública, a questão financeira aparece de modo distinto da clínica particular, mas que isso não impossibilita o tratamento. Neste caso, é de extrema importância que o estagiário cuide da condução do caso para que o paciente passe a investir, pois esse manejo será o responsável para que o tratamento siga o seu curso.

3.3 SOBRE A TRANSFERÊNCIA

O fenômeno da transferência é a chave do tratamento psicanalítico (Maurano, 2006), sem ela o tratamento não se sustenta. Freud (1913/2006), em seu texto sobre a transferência, disserta que cada sujeito, através das influências recebidas nos primeiros anos de vida, possui um modo particular de conduzir o que ele chama de vida erótica, que o sujeito direciona também tais influências para a figura do médico.

Ligado à teorização sobre a transferência, temos o conceito de Sujeito-Suposto-Saber, proposto por Lacan. Esse conceito relaciona-se com o fato de que quando alguém procura um analista ou especialista, é porque se credita a ele algum saber, a esperança de que ele lhe dê a resposta de seu sofrimento ou adoecimento. É essa suposição, o deslanchamento da transferência, a aposta de que o analista dará conta dessa falta; será isso que mobilizará o tratamento analítico (Maurano, 2006). Na clínica-escola, como se dá o dispositivo da transferência, já que o paciente nada sabe sobre o estagiário que lhe atenderá, bem como o primeiro contato deste é com a instituição em que a clínica está inserida?

Diferente do que ocorre em um consultório particular, aonde o paciente vai por que alguém indicou aquele analista específico, os clientes do SPA vão para a Unicatólica. A transferência do cliente, então, é para com a instituição, a Unicatólica e, posteriormente o SPA, por isso é bastante comum se ouvir relatos como: “então, me encaminharam aqui para a Unicatólica (sic)”, “aqui na Unicatólica que vão me ajudar a melhorar”.

Figueredo (2002) argumenta que o paciente estabelece “transferências”, pois inicialmente, este credita saber à universidade, apostando que lá há uma resposta para seu problema, para somente posteriormente transferir para o serviço de psicologia, e, em seguida, para o estagiário responsável pelo seu atendimento. É tão clara a transferência para com o serviço, que no SPA ocorrem mudanças constantes de estagiários (geralmente semestrais) e mesmo assim, existem clientes tão transferidos, que dão continuidade ao seu tratamento para além do estagiário que lhe atende.

3.4 SOBRE O TEMPO

Marcos (2011, p. 212) coaduna que “na clínica-escola, o tratamento é limitado no tempo”, visto que o tempo de estágio por semestre é de duração média de 4 meses. A autora afirma que esse tempo equivaleria às entrevistas preliminares, que são a porta de entrada na análise propriamente dita, desse modo, questiona-se: quais são os efeitos terapêuticos produzidos nesse período?

Existe já nesse tempo uma oferta de escuta ao paciente por parte do estagiário, que produz alívio pela palavra (MARCOS, 2011). A referida autora sinaliza que existe a possibilidade que nesse curto período de tempo já ocorra uma retificação subjetiva do paciente, logo, não dá para se prever nada, visto que o tempo do inconsciente é particular a cada sujeito.

Outras questões relacionadas à temporalidade já surgiram durante a experiência no SPA, como a impossibilidade de estender a sessão que possui tempo máximo limitado pela instituição de 50 minutos, pois o estagiário precisava liberar a sala para a realização do próximo atendimento, visto que havia uma organização acerca da disponibilidade de salas e horários para cada aluno.

Marcos (2011) pontua que essas situações, infelizmente, podem ocorrer, visto que existem normas básicas a serem cumpridas dentro de uma clínica-escola. Para a autora, o desafio do estagiário, nesses momentos, é tentar dialogar com os atravessamentos

institucionais, deixando espaço para o singular de cada caso.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A psicanálise é uma teoria que sempre se construiu a partir da experiência clínica daqueles que a estudam, teoria que, na atualidade, vem se propondo a ser utilizada em diversos espaços, sendo a clínica-escola, um destes, já que é neste espaço que o estagiário de psicologia inicia a sua prática.

Então a experiência do estágio em clínica psicanalítica no SPA proporciona ao discente, o aprendizado através da prática nos atendimentos e supervisões com o professor, tendo como um dos desafios, o diálogo – possível – da psicanálise com aquilo que é norma da instituição, como foi exemplificado nas questões relativas ao tempo, transferência e pagamento.

De acordo com o vivenciado, bem como o que os autores mais contemporâneos salientam, a prática em psicanálise nos serviços de psicologia, em ambulatórios, escolas, e outras instituições, ocorre com algumas modificações das regras sugeridas por Freud, visto que nestes espaços é necessário lidar com questões institucionais, logo, cabe um diálogo da ética psicanalítica com o discurso institucional juntamente ao desejo do estagiário de aprender.

REFERÊNCIAS

CAZANATTO, E.; MARTTA, M. K. A escuta clínica psicanalítica em uma instituição pública: construindo espaços. **Psicologia Ciência e Profissão**, v. 36, 2016.

FIGUEREDO, A. C. **Vastas confusões e atendimentos imperfeitos**: a clínica psicanalítica no ambulatório público. 3. Ed. Rio de Janeiro: Editora Relume Dumar, 2002.

FREUD, S. (1912). **Recomendações ao médico que exercem psicanálise**. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas. v. XXII. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

_____. **A dinâmica da transferência**. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas. v. XXII. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, S. (1913). **Sobre o início do tratamento**. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas. v. XXII. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, S. (1919). **Sobre o ensino da psicanálise nas universidades**. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas. v. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

LIMA, M. C. P. et al. Arte e Mediação Terapêutica: Sobre um Dispositivo com Adolescentes na Clínica- Escola. **Revista Mal-estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. XIII, n. 3-4, p. 775-796, set./out. 2013.

MARCOS, C. M. Reflexões sobre a clínica escola, a psicanálise e sua transmissão. **Revista Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 23, 2011.

MAURANO, D. **A transferência**: uma viagem rumo ao continente negro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2006.

OLIVEIRA, H. M. O valor do tratamento numa instituição pública. **Revista Epistemo-Somática**, Belo Horizonte, v. 4, 2007.

SOBRE AS AUTORAS

Jomábia Cristina Gonçalves dos Santos
Centro Universitário Católica de Quixadá, Brasil

Graduada em Psicologia pela Unicatólica de Quixadá.

E-mail: jomabia13@hotmail.com

Erika Teles Dauer
Centro Universitário Católica de Quixadá, Brasil

Doutoranda em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará e Docente do curso de Psicologia da Unicatólica de Quixadá.

E-mail: erikadauer@hotmail.com

Karla Patrícia Holanda Martins
Universidade Federal do Ceará, Brasil

Doutora em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Possui Pós-Doutorado em Psicologia Clínica pela USP. Professora Adjunta do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Ceará e Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFC.